

O DESEMPENHO EXPORTADOR DA INDÚSTRIA MADEIREIRA DO ALTO VALE DO ITAJAÍ E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Raquel Corrêa¹

Marilei Kroetz²

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo estudar a atividade industrial associada ao setor madeireiro da região do Alto Vale do Itajaí, dando ênfase ao desempenho exportador. A opção por pesquisar as vendas externas deste segmento é justificada pelos novos conceitos das teorias de desenvolvimento regional, que vêem no fluxo de comércio internacional uma oportunidade para tornar mais dinâmica a economia da região. A indústria madeireira do Alto Vale do Itajaí, encontra-se entre as quatro atividades econômicas mais importantes da região, sendo que, em alguns municípios, é a atividade principal. Nesse contexto, a indústria de base madeireira, em 2005, figura como a segunda atividade industrial de maior concentração na região, tanto em relação ao número de estabelecimentos, quanto acerca dos postos de trabalho formais gerados. Em termos de participação nas vendas externas, contribui com cerca de vinte e dois por cento por cento do volume total exportado pela região e representa, aproximadamente, quarenta e oito por cento do total de empresas exportadoras.

Palavras-chave: desenvolvimento regional, indústria madeireira, desempenho exportador.

¹ Bolsista do Artigo 170 e aluna do curso de Administração com ênfase em Comércio Exterior da UNIDAVI. E-mail: rak_correa@yahoo.com.br

² Orientadora do projeto e professora do curso de Ciências Econômicas e Desenvolvimento Regional da UNIDAVI. E-mail: marilei@unidavi.edu.br

1 Introdução

As modernas teorias do desenvolvimento regional chamam atenção para o fato de que uma região não consegue alcançar o crescimento sem estar interligada a um contexto maior, o espaço global. O próprio arranjo do sistema capitalista em voga, se encarrega de excluir os espaços que não conseguem aumentar o grau de integração com os demais agentes econômicos do mundo.

Partindo deste ponto de vista, assume-se que o espaço é constituído por uma combinação de vários processos autônomos de produção e circulação de mercadorias, e que o sucesso econômico de cada país, região ou localidade passa a depender da capacidade de se especializar naquilo que consiga estabelecer vantagens comparativas efetivas e dinâmicas, decorrentes do seu estoque de atributos e da capacidade local de promoção continuada de sua inovação (DINIZ, 2002).

Tendo essas premissas como referencial, Guimarães Neto (1997), constata que os arranjos de comércio internacional, construídos por uma região a partir de suas especializações produtivas, tendem a gerar o crescimento do local e, no longo prazo, o desenvolvimento sustentável. Por isso, é de suma importância que as regiões aumentem seus coeficientes de inserção internacional.

Além disso, Souza (2002), destaca que as exportações causam um efeito multiplicador na dinâmica da economia local. Isto significa que, quanto maior for o volume de bens exportados, melhor será o desempenho econômico geral da região. Isso, em razão do chamado efeito de transbordamento, onde o crescimento das vendas externas se traduz em aumento no consumo de insumos das empresas locais que, por sua vez, elevam os níveis de emprego e renda local, resultando em mais consumo de bens e serviços.

Trazendo este debate para a atual disposição do sistema econômico do Alto Vale do Itajaí, verifica-se que este espaço apresenta quatro segmentos industriais que se sobressaem às demais: produtos alimentares, indústria de base madeireira, têxtil-vestuário e o setor de produção eletrometal-mecânico³. Essa concentração das atividades produtivas oferece uma das

³ Para maiores informações, consultar, GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Secretaria do Estado do Planejamento. **Programa Estratégico de Desenvolvimento com Base na Inovação**. NEITEC/UFSC: Florianópolis, 2005, 606p. (mimeo).

características essenciais para impulsionar o crescimento da região: vantagem comparativa em relação a outras indústrias. Entretanto, não esclarece se as mesmas apresentam um elevado grau de integração ao mercado internacional.

Sabendo-se, inicialmente, da relevância das quatro atividades econômicas para a região, fica a lacuna relativa ao desempenho exportador das mesmas. Desta maneira, seguindo o marco teórico, este estudo propõem-se evidenciar apenas uma das indústrias: a de base madeireira. A escolha deste setor deriva de algumas razões específicas. A primeira delas, refere-se a sua expressividade econômica para a região, condição indicada acima. A segunda, trata-se das dificuldades que este setor vem encontrando para manter sua participação nas relações comerciais externas, especialmente, no que tange às exportações de produtos manufaturados, situação constantemente divulgada pela mídia local.

Neste contexto, o objetivo desse artigo é verificar as relações de comércio internacional da indústria de base madeireira, dando ênfase às vendas externas. Contribuindo neste sentido, o trabalho também realiza um breve mapeamento deste segmento produtivo na região do Alto Vale do Itajaí. Para contemplar esta proposta, o artigo encontra-se estruturado em mais cinco seções, além desta introdução. Na seção 2, relatam-se aspectos metodológicos da pesquisa. Na seção 3, apresenta-se o referencial teórico que dá sustentação ao argumento de que uma maior inserção externa impulsiona o crescimento de uma região. Na quarta seção, caracteriza-se a indústria madeireira do Alto Vale do Itajaí. Na quinta seção, demonstra-se uma radiografia do desempenho exportador da indústria madeireira. Por fim, fazem-se algumas considerações finais na seção sexta.

2 Metodologia

O recorte geográfico realizado, para definir a região do Alto Vale do Itajaí, é aquele definido pela Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí (AMAVI), onde participam vinte e oito municípios, a saber: Agrolândia, Agronômica, Aurora, Atalanta, Braço do Trombudo, Chapadão do Lageado, Dona Emma, Ibirama, Imbuia, Ituporanga, José Boiteux, Laurentino,

Lontras, Mirim Doce, Pouso Redondo, Petrolândia, Presidente Getúlio, Presidente Nereu, Rio do Campo, Rio do Oeste, Rio do Sul, Salete, Santa Terezinha, Taió, Trombudo Central, Vidal Ramos, Vitor Meireles e Witmarsum.

Para alcançar os objetivos deste estudo, na seção de revisão teórica, a pesquisa baseou-se em livros, capítulos de livros organizados, periódicos como revistas especializadas em economia, textos para discussão e notas técnicas, que destacam as teorias de desenvolvimento regional, em especial, a Teoria de Base Exportadora.

Para caracterizar as atividades relativas ao setor madeireiro da região, realizou-se um breve levantamento bibliográfico de fontes secundárias sobre a formação econômica do estado, e buscaram-se informações fornecidas pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), através da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), relativas ao número de estabelecimentos e postos formais de trabalho, as quais dão dimensão da concentração e distribuição das atividades econômicas ou setoriais da região.

Para tratar sobre o desempenho exportador do setor madeireiro, recorreu-se à base de Aliceweb do Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio (MDIC), divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX). Foram destacados apenas os anos de 2004 e 2005, pois o Ministério passou a informar os dados de balança comercial, desagregados por município, somente a partir de 2004.

3 As exportações como mecanismo de desenvolvimento regional

Em tempos hodiernos, observa-se uma crescente busca, por parte dos agentes locais, pela maior inserção ao mercado internacional. Essa condição, em muitos casos, transformou-se numa questão de sobrevivência, num mercado cada vez mais agressivo e competitivo. De acordo com Diniz (2002), em assim sendo, as regiões que souberem explorar seus potenciais exportadores, ou seja, souberem transformar suas vantagens comparativas em vantagens competitivas, sairão na frente na corrida para acelerar o crescimento e construir as bases para o crescimento econômico.

Dentro de um universo amplo de teorias do desenvolvimento regional⁴, a Teoria da Base Exportadora, vem ao encontro dessa idéia, pois afirma que existe uma relação direta entre as exportações de uma região e seu crescimento. Segundo Richardson (1981), as primeiras explicações a este respeito são dadas por Tiebout (1957)⁵, onde ele afirma que os níveis de produção e emprego da região dependem da procura externa e das vantagens comparativas.

O ponto de partida é que as exportações possuem a capacidade de gerar efeitos multiplicadores na economia da região, bem como estimular o mercado interno. Isso, porque a teoria parte da hipótese de que os mercados internos, por si só, não são capazes de manter continuamente altas taxas de crescimento econômico (SPEROTTO, 2004). Neste sentido, a literatura econômica enfatiza que se um sistema produtivo local não encontrar meios para ampliar sua participação no espaço em que se encontra, a crise é iminente. Para tanto, a alternativa mais rápida para ampliar a base de mercado seria o aumento das exportações, o qual possibilitaria o consumo da oferta excedente de bens e serviços, eliminando riscos de crises (SOUZA, 1999).

Da mesma forma, na concepção de Souza (1999), uma região ou país que consiga produzir bens que transponham suas fronteiras, e que conta com o apoio de determinados serviços e infra-estrutura básica (meios de transporte e de comunicações eficientes), aumenta a complexidade interna de sua economia, densificando a estrutura da cadeia produtiva industrial.

Conforme Souza (2002), a dinâmica do processo de elevação das exportações, tem a capacidade de promover uma tendência de redução de custos médios e expandir os lucros e os investimentos, proporcionando maior eficiência produtiva. Além disso, é capaz de gerar aumentos nos níveis de renda e de emprego, resultando, conseqüentemente, num maior consumo interno. Tais fatores levam, em última instância, à melhora do nível de bem-estar dos agentes envolvidos no processo produtivo e ao maior crescimento econômico.

De maneira sucinta, Campos, Vidigal e Prando (2006), qualificam a Teoria da Base Exportadora com propriedade:

⁴ A temática de desenvolvimento regional exige o conhecimento de uma gama de conceitos e definições, no entanto, em meio a todos, destacam-se os seguintes marcos teóricos: Teoria dos Lugares Centrais; Teoria da Base Exportadora; Teoria dos Pólos de Crescimento; Teoria das Aglomerações Urbanas; Teorias de Base Inovadora. Ver, SPEROTTO, (2004).

⁵ Ver, Tiebout, C. Modelos de input-output regional e inter-regional: uma avaliação. In: SCHWARTZMAN, Jacques. **Economia regional**. Belo Horizonte: Cedeplar. 1977, p.315-323.

“A teoria argumenta que o crescimento de uma região depende do crescimento de suas indústrias de exportação, implicando com isso que a expansão da demanda externa à região é o elemento crítico determinante inicial do crescimento dentro da região. Dessa forma, um aumento na base de exportação (que significa todos os bens e serviços exportáveis de uma região) estabelece um efeito multiplicador igual ao produto regional total dividido pelas exportações totais. A teoria da base de exportação sugere, portanto, que uma expansão na base de exportação de uma região/estado (suas exportações brutas) induz a uma taxa maior de crescimento do produto.” (CAMPOS, VIDIGAL E PRANDO, 2006, p. 06).

A partir dessa constatação, é possível destacar que o crescimento de uma região dependerá da elevação das atividades industriais voltadas para a exportação, fazendo com que o incremento da demanda externa torne-se o principal fator de expansão econômica da região. No entanto, conforme destaca Souza (2002), para que essa estratégia de crescimento seja efetiva, é necessário que a região apresente outros atributos, como: existência de capacidade ociosa, estoque de mão-de-obra, boa infra-estrutura logística, disponibilidade de capacitação empresarial e capacidade motriz para gerar encadeamentos de insumo-produto do bem exportado com o mercado interno.

Em suma, a Teoria da Base Exportadora se fundamenta nos efeitos gerados pelas vendas de produtos para outras regiões ou países, que desencadearão importantes movimentos econômicos. Entre estes, destacam-se: o estímulo à entrada de importações; o aparecimento de indústrias complementares ao setor exportador e o surgimento de um setor de serviços voltados para a indústria exportadora e efeitos estimuladores de novos investimentos (SPEROTTO, 2004).

Assim, a questão do desenvolvimento das regiões passa, invariavelmente, pelo estudo das inserções de seus agentes no mercado externo, pois este pode apontar melhores caminhos para vencer as debilidades que se fazem presentes em uma região. Todavia, é preciso levar em conta outros elementos dinamizadores da economia local além das exportações, como os gastos do governo na região, substituição de importações nas indústrias locais e aumento da eficiência na oferta de bens e serviços por parte dos demais agentes regionais.

Cabe ressaltar, também, que o maior grau de inserção ao mercado externo pode deixar a região mais vulnerável aos choques recessivos advindos das economias internacionais, especialmente, aqueles relativos a quedas nos preços, pressões de alguns custos e mudanças tecnológicas modificadoras da composição relativa dos insumos.

4 Evolução e caracterização do setor madeireiro regional

A constituição da base econômica da região do Alto Vale do Itajaí está diretamente associada à atividade de extração da madeira. Assim como nas demais regiões do estado de Santa Catarina, a venda de madeira não beneficiada serviu de base para o acúmulo de capital que, mais tarde, foi sendo deslocado para atividades ligadas ao desdobramento da madeira como marcenarias, fábricas de caixas, de esquadrias e papel, papelão e pasta mecânica (celulose) e setores complementares. Essas mudanças aconteceram, principalmente, para atender as necessidades da construção civil e indústrias dos centros urbanos do estado e do país (KROETZ, 2006).

As microrregiões catarinenses com tradição na fabricação de produtos extraídos da madeira, como Campos de Lages e Planalto Norte, tiveram significativo impulso com o crescimento dos segmentos papel, papelão e celulose. Nesse estágio, a expansão produtiva ocorreu assentada em investimentos realizados por pequenos produtores locais, entretanto, as empresas detinham porte médio (GOULARTI FILHO, 2002).

Segundo Cunha (1992) e Goularti Filho (2002), ao longo das décadas de 70 e 80, registrou-se uma queda acentuada na participação do setor de extração da madeira em todas as regiões catarinenses. Isso, em função do esgotamento do ciclo de extração da madeira nativa, motivado pelas restrições dos órgãos ambientais e do não reflorestamento em proporções iguais às aquelas desmatadas. A falta de matéria-prima nativa, fez com que se acelerasse o processo de implantação de áreas reflorestadas. Essa ação, teve reflexo direto sobre o crescimento da indústria moveleira, bem como no aumento dos investimentos nos setores de papel e celulose⁶.

O Alto Vale, embora inserido nesse movimento mais amplo da formação econômica do estado, manteve o ritmo de crescimento das atividades derivadas da manufatura da madeira fortemente pautada nos ramos de desdobramentos da madeira e de fabricação de móveis.

Este fato pode ser constatado, observando a participação desses segmentos na geração de postos de trabalho formais e no número de estabelecimentos destes ramos em relação ao total das

⁶ Esse segmento foi amplamente beneficiado pelos grandes blocos de investimentos realizados pelo governo federal através de seus Planos de Desenvolvimento Econômico, notadamente, o II PND.

atividades industriais da região (Tabela 1). Em 1985, a indústria da madeira e do mobiliário empregava 36,37% da força de trabalho regional, e representava 39,39% do total de estabelecimentos industriais, notadamente, a atividade industrial mais expressiva.

TABELA 1: Número de estabelecimentos e pessoal ocupado na região do Alto Vale do Itajaí, segundo classes e gêneros industriais – 1985, 2000 e 2005 (em %)

Classe e Gênero	1985		2000		2005	
	Nº de Estab.	POC	Nº de Estab.	POC	Nº de Estab.	POC
Extrativa mineral	2,46	0,84	2,36	1,24	2,31	0,6
Indústria produtos minerais não metálicos	14,2	9,9	7,57	5,89	6,49	5,42
Indústria metalúrgica	5,49	2,01	7,82	5,21	7,4	5,36
Indústria mecânica	5,11	8,57	4,48	5,86	5,76	6,65
Indústria do material elétrico e de com...	0,19	3,25	0,73	1,87	0,67	1,37
Indústria do material de transporte	1,14	1,6	1,14	3,88	0,73	6,04
Indústria da madeira e do mobiliário	39,39	36,37	24,27	26,06	20,75	21,59
Indústria do papel, papelão, editorial gráfica	3,79	4,05	3,58	5,14	3,82	5,33
Ind. da borracha, fumo, couros, peles...	3,98	1,66	1,79	0,98	2,31	0,98
Ind. química de produtos farmacêuticos....	3,03	3,08	2,77	1,35	2,25	0,87
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de...	3,79	14,84	31,19	32,42	35,19	32,51
Indústria de calçados*	nd	nd	0,08	0,01	0,06	0
Indústria de prod. Alimentícios e bebidas...	13,07	10,64	10,5	8,88	10,74	11,86
Serviços industriais de utilidade pública	4,36	3,18	1,71	1,22	1,52	1,42
TOTAL	100	100	100	100	100	100

Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego – RAIS, 1985, 2000 e 2005

Nota 1: Nº de Estab.: número de estabelecimentos; POC: Pessoal Ocupado;

* Nd: notação convencional para dados não disponíveis. Para o ano de 2005, 0,06% dos estabelecimentos industriais da região representavam a indústria de calçados, porém as mesmas não possuíam empregados registrados. Isso significa que o trabalho era feito pelo próprio dono e sua família.

No ano de 2000, essa estrutura já sofreu algumas modificações. As atividades da indústria da madeira e do mobiliário perdem espaço, principalmente, para a indústria têxtil e de vestuário. No entanto, ainda mantêm significativa participação na economia regional, representando 24,27% dos estabelecimentos e 26,06% da mão-de-obra empregada. Esse setor, se somado ao da indústria do papel, papelão e editorial gráfica, eleva a importância. No total, os dois segmentos contemplavam 27,85% e 31,20% dos estabelecimentos e das pessoas ocupadas, respectivamente, para o ano em questão.

Em 2005, o conjunto da indústria de base madeireira representava 24,57% das empresas industriais e 26,92% dos postos de trabalho formal do Alto Vale. Mesmo que essas atividades apresentaram declínio ao longo das décadas, ainda possuem forte concentração na região, especialmente, quando se trata das pessoas ocupadas.

É importante ressaltar que alguns municípios apresentam densidade maior das atividades associadas à manufatura da madeira que outros. Conforme demonstra a Tabela 2, em 2005, os cinco municípios que apresentam a maior concentração de estabelecimentos são: Rio do Sul (15,06%), Presidente Getúlio (13,09%), Taió (11,11%), Ibirama (7,41%) e Rio do Oeste (5,93%).

TABELA 2: Concentração das indústrias de base madeireira, por município, em ordem decrescente segundo números de estabelecimentos (em %) - 2005

Ordem	Município	Nº Estab.	POC	Ordem	Município	Nº Estab.	POC
1	Rio do Sul	15,06	9,91	14	Rio do Campo	2,22	3,72
2	Presidente Getúlio	13,09	11,01	15	Vitor Meireles	1,73	0,28
3	Taió	11,11	13,09	16	Braço do Trombudo	1,48	0,37
4	Ibirama	7,41	13,2	17	Agronômica	1,48	0,8
5	Rio do Oeste	5,93	1,72	18	Mirim Doce	1,48	1,32
6	Salete	5,43	14,57	19	Trombudo Central	1,23	0,24
7	Dona Emma	5,19	2,03	20	Laurentino	1,23	0,2
8	Pouso Redondo	4,94	13,61	21	Petrolândia	0,99	0,32
9	Agrolândia	4,2	2,18	22	Vidal Ramos	0,99	0,93
10	Lontras	3,46	3,31	23	Atalanta	0,74	0,83
11	Ituporanga	3,46	3,2	24	Aurora	0,74	0,28
12	Witmarsum	3,21	1,75	25	Imbuia	0,49	0,03
13	José Boiteux	2,22	1,07	26	Presidente Nereu	0,49	0,01
TOTAL						100	100

Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego – RAIS, 2005.

Nota 1: Nº de Estab.: número de estabelecimentos; POC: Pessoal Ocupado;

Agora, se essa classificação seguisse o critério de concentração por pessoas ocupadas, a posição dos municípios mudaria. Os cinco maiores destaques ficariam por conta de: Salete (14,57%), Pouso Redondo (13,61%), Ibirama (13,2%), Taió (13,09%) e Presidente Getúlio (11,01%). Essa constatação decorre do fato de que nessas cidades estão localizadas empresas de grande porte que abrigam um número considerável de trabalhadores.

Analisando o setor madeireiro a partir da decomposição por categoria de indústria segundo número dos estabelecimentos (Tabela 3), observamos que dentre os diversos produtos extraídos da madeira, a região se destaca em algumas atividades específicas.

TABELA 3: Principais categorias de atividades derivadas a indústria de base madeireira, segundo número de estabelecimentos e pessoal ocupado – 2005 (em %)

Categorias	Nº Estab.	POC
Desdobramento de madeira	27,41	16,57
Fabrç. de madeira laminada e de chapas de madeira compensados	9,88	9,68
Fabrç. de esquadrias de madeira, de casas de madeira pré-fabricadas...	9,38	13,77
Fabricação de artefatos de tanoaria e embalagens de madeira	2,47	1,2
Fabrç. de artefatos diversos de madeira, palha, cortiça e material ...	9,38	3,02
Fabricação de celulose e outras pastas para a fabricação	0,49	0,14
Fabricação de papel	0,74	1,06
Fabricação de papelão liso, cartolina e cartão	2,22	11,13
Fabricação de embalagens de papel	0,49	0,13
Fabricação de embalagens de papelão - inclusive a fabricação de pa...	0,74	0,61
Fabrç. de artefatos de papel, papelão, cartolina e cartão	1,48	2,54
Fabrç. de outros artefatos de pastas, papel, papelão, car	1,48	2
Edição de livros, revistas e jornais	0,49	0,07
Edição e impressão de livros*	0,25	0
Edição e impressão de jornais	1,23	0,11
Edição; edição e impressão de outros produtos gráficos	1,23	0,7
Impressão de material escolar e de material para usos industrial e...	3,95	1,14
Execução de outros serviços gráficos	0,74	0,17
Fabricação de móveis com predominância de madeira	24,94	35,4
Fabricação de móveis com predominância de metal	0,74	0,55
Fabricação de colchões	0,25	0,01
TOTAL	100	100

Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego – RAIS, 2005.

Nota 1: Nº de Estab.: número de estabelecimentos; POC: Pessoal Ocupado;

* Para o ano de 2005, 0,25% dos estabelecimentos industriais da região representavam a categoria de edição e impressão de livros, porém as mesmas não possuíam empregados registrados. Isso significa que o trabalho era feito pelo próprio dono e sua família.

Em 2005, as atividades de maior intensidade foram: em primeiro lugar, desdobramento de madeira, que representa 27,41% do número de estabelecimentos do segmento e 16,57% da mão-de-obra ocupada; em segundo lugar, fabricação de móveis, significando 24,94% das empresas madeireiras e empregando 35,4% das pessoas que trabalham no setor; na seqüência, aparecem a

fabricação de madeiras laminadas e de chapas de madeira compensadas, a fabricação de esquadrias de madeira e de casas pré-fabricadas e a fabricação de artefatos diversos de madeira.

Cabe ressaltar que as categorias relativas aos gêneros papel, papelão e celulose, têm uma participação menos expressiva na região em relação aos outros segmentos do setor. Contudo, chama a atenção a elevada densidade de pessoas ocupadas na fabricação de papelão liso, cartolina e cartão, 11,13% do total dos postos de trabalho formais oferecidos pela indústria de base madeireira da região.

Outra característica importante a ser considerada é a contribuição do setor na formação da renda regional. De acordo com o apresentado na Tabela 4, abaixo, em 2004, o somatório de todas as atividades industriais empregava 25.890 pessoas, o que significava uma massa salarial paga na ordem de R\$ 16.320.366,48, representando um ganho médio por trabalhador de R\$ 630,37. Para a indústria de base madeireira, os 7.502 empregados auferiram um rendimento médio de R\$ 542,26.

TABELA 4: Total de pessoas ocupadas, massa salarial e remuneração média paga pela indústria geral e pela indústria de base madeireira – 2004 e 2005 - (massa salarial e remuneração média em R\$)

Ano	Total Indústria			Total Indústria de Base Madeireira		
	POC	Massa Salarial	Rem. Média	POC	Massa Salarial	Rem. Média
2004	25.890	16.320.366,48	630,37	7.502	4.068.029,59	542,26
2005	26357	18.576.684,85	704,81	7.096	4.196.902,95	591,45
Varição*	1,77%	12,15%	10,56%	-5,72%	3,07%	8,32%

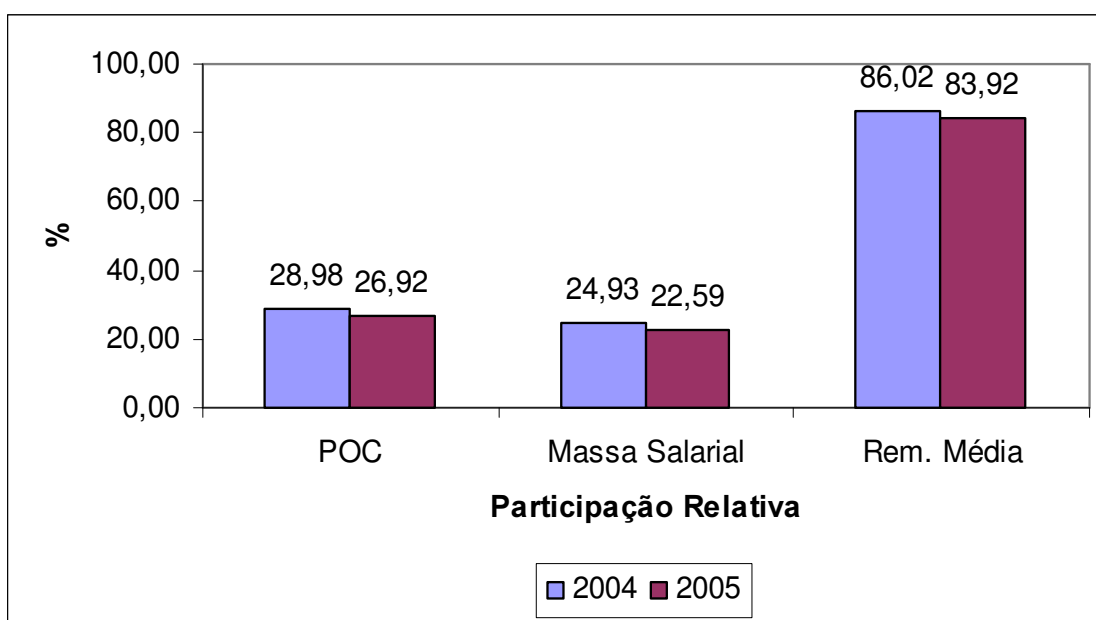
Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego – RAIS, 2004 e 2005.

Nota 1: POC: Pessoal Ocupado; Rem. Média: remuneração média

* Variação percentual do crescimento de pessoas ocupadas, massa salarial e remuneração média. Comparativo entre 2004 e 2005

Comparando esses valores com o ano de 2005, verificamos que, tanto a indústria geral, quanto a de base madeireira elevaram o número de contratações e o pagamento médio às pessoas ocupadas. Enquanto a primeira aumentou o número de contratações em 1,77%, a segunda reduziu o quadro funcional em 5,72%. Outra diferença substancial está na massa salarial distribuída. A indústria geral registrou crescimento de 12,15% no total de salário pagos, e a de base madeireira apenas 3,07%. Já, em relação à remuneração média do trabalhador, têm-se um crescimento de 10,56% para a indústria geral, e de 8,32%.

Considerando a participação relativa do pessoal ocupado, da massa salarial e da remuneração média da indústria madeireira no contexto global da indústria do Alto Vale do Itajaí, conforme demonstrado no Gráfico 1, percebemos os seguintes resultados: a) em 2004, respondia por 28,98% dos postos de trabalho e, em 2005, essa participação decaiu para 26,92%; b) algo semelhante é visto para o valor da massa salarial paga pelo segmento: 24,93% do total, em 2004 e queda para 22,59% em 2005; e, c) os números referentes à remuneração média, indicam que o setor paga salários médios abaixo daqueles desembolsados pela indústria: em 2004, representavam 86,02 % em relação ao da indústria geral e, em 2005, essa relação se distanciou ainda mais, ficando em 83,92% da remuneração média geral.



Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego – RAIS, 2004 e 2005.

Nota 1: POC: Pessoal Ocupado; Rem. Média: remuneração média

GRÁFICO 1: Participação relativa da indústria de base madeireira no total da indústria, segundo pessoal ocupado, massa salarial e remuneração média (em %)

Tais informações, oferecem indicativo de um desaquecimento das atividades do setor madeireiro na região. Essa perda de participação da indústria de base madeireira no conjunto total da indústria pode estar associada a diferentes fatores econômicos, dentre os quais, o desempenho exportador da atividade, tema da seção seguinte.

5 O desempenho exportador da indústria madeireira da região do Alto Vale do Itajaí

O mapeamento das atividades da indústria de base madeireira do Alto Vale do Itajaí, demonstra que este setor produtivo tem significativa importância para muitos municípios da região. Apesar das mudanças que ocorreram na estrutura produtiva da região, ao longo da década de 90, ainda figura como a segunda principal atividade econômica tanto em termos de número de estabelecimentos, quanto em número de pessoas ocupadas.

Sabendo-se de sua importância, espera-se que parcela da explicação possa ser dada a partir do desempenho exportador do setor. Pois, segundo a fundamentação teórica, quanto maior o nível de exportação, melhor será seu desempenho econômico. Diante dessas circunstâncias, algumas constatações acerca das vendas externas das atividades de base madeireira, se fazem interessantes.

A primeira delas, diz respeito aos municípios exportadores. Conforme indica a Tabela 5, a seguir, do total de municípios que compõem a região do Alto Vale, dezessete realizaram vendas externas, em 2004 e/ou 2005 e, destes, quatorze exportaram produtos oriundos da madeira. Concentrando a análise para a exportação de produtos da madeira, percebe-se que os municípios que apresentaram o maior volume de vendas, em 2005, pela ordem, foram: Pouso Redondo (18.076.710 mi de US\$), Salete (16.017.664 mi de US\$), Ibirama (9.936.767 mi de US\$) e Presidente Getúlio (7.518.952 mi de US\$).

A segunda, refere-se ao movimento de queda no valor total exportado por praticamente todos os municípios exportadores de madeira. Verifica-se que:

- houve redução no valor total exportado por quase todos os municípios da região de 2004 para 2005. Os casos mais expressivos ficaram por conta dos municípios de Dona Emma, Presidente Getúlio, Rio do Campo, Rio do Oeste, Rio do Sul e Taió. Segundo dados divulgados pelo MDIC/SECEX (2006), essa queda foi decorrente da diminuição da venda de produtos de madeiras compensadas e de madeiras de coníferas serradas/cortadas em folhas;
- os municípios que obtiveram ganhos de 2004 para 2005, foram: Ibirama, Ituporanga, Lontras, Mirim Doce, Pouso Redondo e Trombudo Central. Esse desempenho é creditado,

especialmente, ao aumento do volume exportado de móveis de madeira e de esquadrias em geral (MDIC/SECEX, 2006).

TABELA 5: Municípios exportadores, segundo valor total exportado e valor total de produtos da madeira (em mi de US\$ FOB) – 2004 e 2005

MUNICÍPIO	Exportação Total		Produtos Da Madeira	
	US\$ FOB	US\$ FOB	US\$ FOB	US\$ FOB
	2004	2005	2004	2005
Agrolândia	1.188.000	2.729.183
Agronômica	997.870	1.579.568
Dona Emma	1.426.331	87.724	1.426.331	87.724
Ibirama	10.423.395	10.628.241	9.913.031	9.936.767
Ituporanga	9.860	9.860
José Boiteux	10.722	10.722
Laurentino	76.413	28.455
Lontras	206.866	866.810	11.844	405.984
Mirim Doce	237.690	237.690
Pouso Redondo	17.280.293	18.178.457	17.159.065	18.076.710
Presidente Getúlio	48.196.673	59.035.555	10.541.589	7.518.952
Rio do Campo	3.608.978	2.955.608	3.587.536	2.743.209
Rio do Oeste	436.019	13.392	299.940	13.392
Rio do Sul	80.590.698	165.573.316	4.247.586	3.873.292
Salete	16.623.564	16.017.664	16.623.564	16.017.664
Taió	4.735.745	2.126.531	4.657.998	2.091.101
Trombudo Central	11.126.840	11.092.846	690.000
TOTAL	196.928.407	291.160.900	68.479.206	61.702.345

Fonte dos dados brutos: MDIC/SECEX, 2006.

Fazendo um comparativo entre os valores totais exportados e os valores relativos aos produtos da madeira, verifica-se que, em muitos municípios, o total exportado pelo setor madeireiro corresponde ao total vendido ao exterior, e, em muitos outros casos, este segmento representa a maior parcela das exportações (Tabela 6).

Chama atenção o fato de que 100% dos valores exportados, para 2004 e 2005, pelos municípios de Dona Emma e Salete referem-se a manufaturas da madeira. Nas cidades de Ibirama, Pouso Redondo Rio do Campo e Taió, a representatividade desse setor nas vendas externas também é extremamente elevada, ficando muito próxima aos 100%. Em 2005, todo o volume exportado pelos municípios de Ituporanga, Mirim Doce e Rio do Oeste, foi relativo ao segmento madeireiro.

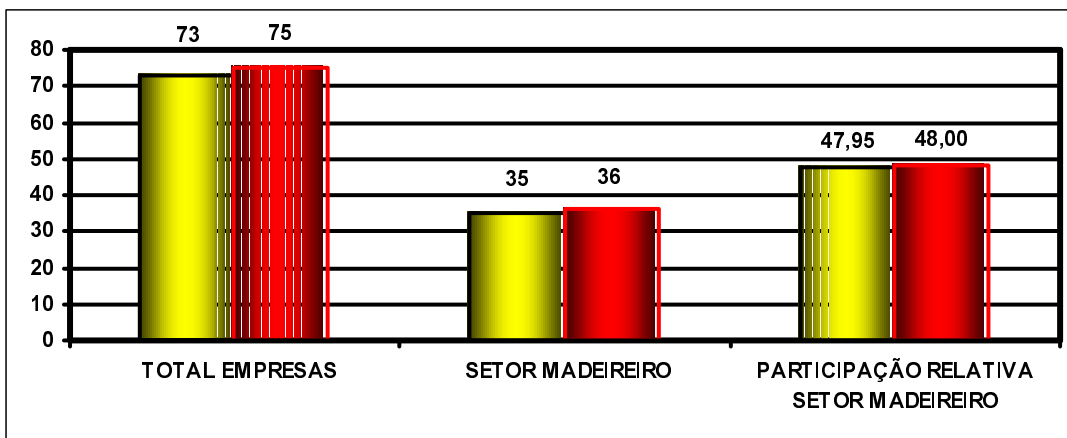
TABELA 6: Partição relativa das exportações do setor madeireiro em relação ao total - 2004 e 2005 (em %)

MUNICÍPIO	Participação Relativa Produtos da Madeira (em %)	
	2004	2005
Dona Emma	100,00	100,00
Ibirama	95,10	93,49
Ituporanga	100,00
José Boiteux	100,00
Lontras	5,73	46,84
Mirim Doce	100,00
Pouso Redondo	99,30	99,44
Presidente Getúlio	21,87	12,74
Rio do Campo	99,41	92,81
Rio do Oeste	68,79	100,00
Rio do Sul	5,27	2,34
Salete	100,00	100,00
Taió	98,36	98,33
Trombudo Central	6,22
TOTAL	34,77	21,19

Fonte dos dados brutos: MDIC/SECEX, 2006

Cabe ressaltar que, apesar dessa forte concentração das exportações de produtos da madeira em alguns municípios, a participação relativa dessa indústria no total exportado pela região não tem a mesma significância. Em 2004, representou 34,77% e, em 2005, apenas 21,19% do valor total.

Não obstante o fato de que houve uma considerável queda na participação relativa do setor madeireiro no total exportado, se observarmos a quantidade de empresas exportadoras da região, verificamos que, em 2004, 47,95% destas, eram representantes do setor madeireiro, e, em 2005, esse percentual se eleva para 48% (Gráfico 2).



Fonte dos dados brutos: MDIC/SECEX, 2006

GRÁFICO 2: Participação relativa do setor madeireiro no número de empresas exportadoras (valores absolutos e em %) – 2004 e 2005.

É interessante destacar que, diferentemente dos dados relativos à exportação apresentados anteriormente, o número de empresas exportadoras do setor madeireiro aumentou, mesmo que em proporção mínima, enquanto o valor total vendido diminuiu.

Essas empresas enviam para o exterior, principalmente, esquadrias de madeira (portas, janelas, ect.), madeira compensada, madeira de reflorestamento serrada (lâminas, perfilados, entre outros), móveis de madeira para quarto e cozinha, e demais artefatos de madeira para mesa ou cozinha, molduras para quadros, fotografias e espelhos⁷.

Desta maneira, constata-se que parte considerável dos produtos exportados não passa por um amplo processo de agregação de valor. São produtos pouco beneficiados, que competem internacionalmente via preço, fatores que podem explicar a queda nas vendas externas desse setor de 2004 para 2005.

6 Conclusões

Resgatando a idéia central do marco teórico, temos que uma região pode elevar seu potencial de crescimento através do fortalecimento dos arranjos de comércio internacional. Uma

⁷ Ver, MDIC/SECEX – Balança Comercial por Município, 2004 e 2005.

forte participação nas vendas externas dos produtos manufaturados em uma região possibilita o desenvolvimento de inúmeras atividades que estão relacionadas àquelas da base exportadora. Isso porque, há um consumo maior de matérias-primas, de mão-de-obra e de serviços correlacionados. Todo esse movimento eleva a renda gerada que, por sua vez, aumenta a demanda agregada regional, fato causador, em última instância, do crescimento.

Transportando tais premissas para o estudo em questão, verificamos que a indústria da madeira possui intensa participação na economia da região do Alto Vale do Itajaí, mas, em se tratando das vendas externas, para 2005, em particular, houve um forte processo de retração.

A queda de participação relativa dos produtos derivados da madeira no total exportado pela região - de 34,77%, em 2004, para 21,19%, em 2005 – refletiu imediatamente sobre o nível de pessoas ocupadas, no número de estabelecimentos e na remuneração média dos trabalhadores. A indústria da madeira reduziu em 5,72% o número de postos de trabalho, e registrou um aumento do salário médio pago aos trabalhadores abaixo da média da indústria geral. Além disso, a remuneração média paga à mão-de-obra é inferior à da indústria.

De maneira geral, o desempenho exportador do setor madeireiro, em praticamente todos os municípios da região, nos dá o indicativo de que este segmento está perdendo força na geração de renda regional. Em assim sendo, ao invés de representar um fator dinamizador do crescimento, passa a ser um elemento em crise, que necessita de renovação para criar fôlego e voltar a demonstrar bom desempenho.

Em se tratando da evolução do emprego e do número de estabelecimentos, observou-se que o setor madeireiro vem perdendo espaço para outras atividades produtivas, como o vestuário e a metal-mecânica. Outrossim, mantém-se pautada na produção e exportação de produtos de pouco valor agregado, motivo que pode explicar a perda de participação nas vendas externas.

Esses indícios deixam margem para a continuidade deste estudo, pois o mesmo não contempla aspectos importantes que podem explicar as razões que levaram o setor madeireiro a ter esse resultado. No entanto, os resultados apresentados servem de alerta para que os atores regionais, tanto públicos, quanto privados, passem a pensar alternativas para o atual contexto em que se encontra uma atividade tradicional na região, e que em outros lugares do estado de Santa Catarina está apresentando desempenho positivo.

7 Referências

CAMPOS A. C de; VIDIGAL, V. G.; PRANDO, T. F. Exportações paranaenses: produtos e mercados. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, 4, Foz do Iguaçu, 2006. **Anais da ABER**. Foz do Iguaçu:ABER, 2006.

CUNHA, I. J. **O salto da indústria catarinense: um exemplo para o Brasil**. Florianópolis: Paralelo 27, 1992.

DINIZ, C. C Repensando a questão regional brasileira: tendências, desafios e caminhos. In: **Painéis Sobre o Desenvolvimento Brasileiro**, Rio de Janeiro, 2002, 35p.

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Secretaria do Estado do Planejamento. **Programa Estratégico de Desenvolvimento com Base na Inovação**. NEITEC/UFSC: Florianópolis, 2005, 606p. (mimeo).

GOULARTI FILHO, A. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

GUIMARAES NETO, L. Dinâmica regional no Brasil. **Versão Preliminar Textos para Discussão IPEA**, 1997 (mimeo).

KROETZ, M. **A mudança de paradigma e seus impactos sobre o desenvolvimento industrial de Santa Catarina**. 2006, (128 f.) Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMÉRCIO – MDIC. Secretaria de Comércio Exterior – SECEX – Base Aliceweb. Disponível em: <<http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br/alice.asp>>. Acesso em: 20 de novembro de 2006.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO – MTE – Base de Dados da RAIS (Relatório Anual de Informações Sociais). Brasília, competência 1985, 2003. CD-ROM.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO – MTE – Base de Dados da RAIS (Relatório Anual de Informações Sociais). Brasília, competência 2000, 2003. CD-ROM.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO – MTE – Base de Dados da RAIS (Relatório Anual de Informações Sociais). Brasília, competência 2004, 2005. CD-ROM.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO – MTE – Base de Dados da RAIS (Relatório Anual de Informações Sociais). Brasília, competência 2005, 2006. CD-ROM.

RICHARDSON, Harry W. **Economia regional: teoria da localização, estrutura urbana e crescimento regional**. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.

SPEROTTO, F. Teorias do desenvolvimento regional. In: **Diagnóstico sócio-econômico de Uruguaiana**. Uruguaiana: PUC, v. I, abril, 2004, 245p.

SOUZA, Nali J. **Desenvolvimento Econômico**. 4a ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SOUZA, Nali J. Exportações e crescimento econômico do RS, 1951/2001. **Ensaio FEE**. Porto Alegre: FEE, v.23, p. 565-601, número especial, 2002.

TIEBOUT, C. **As exportações e o crescimento econômico regional**. In: SCHWARTZMAN, Jacques Economia Regional. Belo Horizonte: Cedeplar. 1977, p.315-323.